

MUNDO



Discovery se aposenta e vira peça de museu

O ônibus espacial Discovery encerrou com êxito ontem uma viagem de 13 dias, a última da nave que por 27 anos foi a mais usada pela Nasa: 39 missões com 365 dias em órbita. Agora, será preparado para virar peça do museu Smithsonian. Esse é primeiro passo para o fim do programa espacial americano, após 30 anos. Os ônibus Endeavour e Atlantis terão suas missões finais em abril e junho. Os altos custos são a justificativa do governo americano para encerrar o seu programa espacial.

Protestos no mundo árabe podem mudar posição da mulher na região

Analistas se dividem entre a esperança de avanços na condição feminina e o receio de novos retrocessos

Bárbara Ladeia

bladeia@brasileconomico.com.br

A onda revolucionária que sacode o Oriente Médio e a África traz uma série de novidades em relação a movimentos anteriores. Além da ausência de lideranças destacadas entre os manifestantes e do uso da tecnologia como ferramenta de difusão, esses movimentos contam com a intensa participação da comunidade feminina local — em uma região mundialmente conhecida pela supressão dos direitos e da voz da mulher.

Segundo analistas, a participação feminina nesse processo é uma oportunidade histórica. “Essas mulheres, que sempre foram privadas de seus direitos, provavelmente aproveitarão esse momento para dar um grande salto na história”, avalia Rosa Alegria, fundadora do Núcleo de Estudos do Futuro da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC).

O formato “horizontal” das revoluções — sem lideranças definidas — possibilitam uma nova leitura do papel não só da mulher como do cidadão na região. Uma vez que a própria população abandona a posição de submissão, as mulheres também lançam mão de sua autonomia para ir às ruas em protesto. “Estamos nos reconhecendo como seres individualmente poderosos”, aponta Rosa. “Nesse sentido, a presença da mulher só vem coroar a mudança de perspectiva do papel da sociedade perante seus líderes.”

Volta ao lar

Depois de conquistar as ruas, dificilmente as mulheres “se trancaram em suas casas”. Essa é a avaliação da professora de Relações Internacionais da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), Denilde Holzacker.

As regras culturais e religiosas em países islâmicos tendem a se chocar com legislações que forcem o tratamento igualitário. Assim, Denilde destaca a preocupação com os novos líderes que poderão assumir o controle após a derrubada das ditaduras locais. “Caso partidos fundamentalistas cheguem ao poder, poderemos ter um forte retrocesso desse processo de emancipação feminina”, avalia.



Miguel Medina/AFP

Mulheres protestam contra os regimes ditatoriais do Oriente Médio



Divulgação

Rochelle Saidel
Cientista política e fundadora do Remember the Women Institute

“Ainda hoje mulheres de diversos países em todo o mundo têm de lutar para reduzir as diferenças. Não é uma exclusividade do Oriente Médio”

Ainda que mais mulheres estejam aderindo às lutas sociais no Oriente Médio, Rochelle Saidel, cientista política e fundadora do Remember the Women Institute — organização fomentadora de pesquisas históricas sobre a participação social da mulher —, reitera a preocupação com a situação política local. “Nada está de fato resolvido por lá, então não é possível prever se haverá ou não mudanças na forma como são tratadas as mulheres”, ressalta. “Gradualmente esse cenário poderá ser revertido. Dificilmente essa forma de organização mudará de um dia para outro”, aponta.

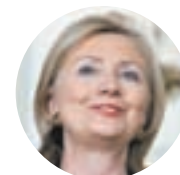
Avanço global

As especialistas destacam ainda que a preocupação com a autodeterminação da comunidade feminina e o esvaziamento das diferenças entre gêneros não cabe exclusivamente às filhas do Oriente Médio. “Cada país tem suas particularidades. O fato é que na maior parte do mundo mulheres ainda recebem tratamento diferenciado”, sinaliza Rochelle. “Ainda temos muito trabalho pela frente”. ■

DIPLOMACIA

Cena internacional tem pouca atuação feminina

O ativismo feminino crescente possibilitou a entrada das mulheres na atividade política, considerado um nicho masculino. Apesar das diversas mulheres que já alcançaram a posição de chefes de estado em países bastante tradicionais como Índia, Alemanha, Libéria, entre outros, o cenário internacional ainda é carente de representações femininas. “No mundo das relações internacionais são abordados assuntos que não são considerados ‘de mulher’, como guerra, conflitos étnicos, por exemplo”, diz Denilde Holzacker, professora da ESPM. Não por acaso, poucas foram as mulheres que ocuparam cargos de destaque na representação de países em ambiente internacional. Denilde destaca que não há uma unidade na atuação feminina nesse contexto. “Prova disso, por exemplo, são Hillary Clinton e Condoleeza Rice, que, como secretárias de Estado, têm perfis de trabalho díspares. Não há, sequer, uma agenda feminista em comum entre elas.”



Hillary Clinton

Ex-primeira dama, Hillary é conhecida por sua militância feminista. Criada por uma família republicana, em 1968 associou-se ao Partido Democrata.



Condoleeza Rice

Secretária de Estado de George W. Bush, Condoleeza é conhecida por sua rigidez. Chegou a ser conselheira de Defesa Nacional antes de assumir o cargo, tipicamente masculino.